

Nº 1

REVISTA DE

BOAS PRÁTICAS DE ESPORTE E LAZER




**ESCOLA DE
 MEDIAÇÃO**
 Ampliando Saberes no Componente Educação Física

Concepção e Realização:

Patrocínio:



MINISTÉRIO DO ESPORTE



EXPEDIENTE

REVISTA DE BOAS PRÁTICAS DE ESPORTE E LAZER

Experiências do Maranhão, Pará e Amapá

Publicação dedicada à valorização e disseminação de experiências transformadoras que articulam esporte, lazer, educação, participação social e fortalecimento comunitário, reconhecendo essas práticas como caminhos para a promoção da cidadania, da equidade e da convivência democrática.

Este produto é do Projeto Escola de Mediação, incentivado pelo Governo do Brasil, por meio da Lei Federal de Incentivo ao Esporte e patrocinado pela Petrobras, Itaú e Nubank.

Realização

Instituto Formação

Coordenação Geral da Publicação

Incubadora de Esporte e Cidadania

Conselho Editorial

Diane Pereira Sousa

Fabio Alessandro Sousa Cabral

Maria Regina Martins Cabral

Marianne Sousa Serra

Coordenação da Revista

Dulciana Coelho

Curadoria de Conteúdo

Dulciana Coelho

Nadia Guterres

Jaqueline Tigre

Revisão de Texto

Rodrigo Holanda Oliveira

Projeto Gráfico e Diagramação

João Vicente Xavier Cruz

Fotografia

Acervo pessoal dos autores

Colaboradores desta Edição

Andreia Silva

Márcia Santos

Sibelly Cristina

Jannayna Cardoso

Geciane Sousa

Patrícia Soares

Henny Karollyne

Carolina Costa

Aliny Martins

Ana Paula Dinitri

Bruna Lima

Marina Pinho

Dulciana Coelho

Gabriel Lima

Luciana Castro

Ingrydh França Pereira

Realização

Instituto Formação

Primeira Edição

2026

Os conteúdos publicados nesta revista têm caráter educativo e de disseminação de boas práticas. As opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade de seus respectivos autores. A reprodução parcial ou integral do conteúdo é permitida mediante citação da fonte.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| EXPEDIENTE | 2 |
| PREFÁCIO | 3 |
| PROJETO ESCOLA DE MEDIAÇÃO | 6 |
| APRESENTAÇÃO REVISTA BOAS PRÁTICAS | 7 |
| RELAÇÃO DE BOAS PRÁTICAS APROVADAS | 9 |
| BOA PRÁTICA 1 - TAMBOR DE CRIOLA “BÊNÇÃO E PROTEÇÃO DE SÃO BENEDITO” | 10 |
| BOA PRÁTICA 2 - PROJETO “MOVIMENTE-SE” | 11 |
| BOA PRÁTICA 3 - NÚCLEO DE INICIAÇÃO ESPORTIVA — NIES | 13 |
| BOA PRÁTICA 4 - QUEBRADA DOS SONHOS: O SKATE COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO SÁ VIANA | 14 |
| BOA PRÁTICA 5 - PROJETO “CAÇA MARAJOARA” | 16 |
| BOA PRÁTICA 6 - PROJETO “TRILHA AMAZÔNICA” | 18 |
| BOA PRÁTICA 7 - BLOCO AFRO ABIYÉYÉ MAYLÔ - RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE NA LIBERDADE | 20 |
| BOA PRÁTICA 8 - PROJETO “MOVIMENTAR” | 21 |



Prefácio

Há quem pense que a democracia mora apenas nos parlamentos.

Ela não mora.

Ou, pelo menos, não mora apenas lá.

A democracia também mora na sombra de uma árvore onde crianças inventam regras para um jogo que não existia cinco minutos antes. Mora na quadra de cimento quente onde alguém passa a bola para quem nunca havia sido escolhido. Mora no campo de várzea onde uma menina decide ocupar um espaço que durante décadas lhe disseram não ser seu. Mora no banco da praça onde jovens, idosos, mães, trabalhadores e sonhadores compartilham o mesmo pedaço de tarde.

A democracia, antes de ser sistema político, é experiência humana. É o exercício cotidiano de reconhecer que ninguém constrói o mundo sozinho.

Talvez por isso o esporte seja uma das suas formas mais antigas de aprendizado.

Todo jogo é uma pequena sociedade em movimento. Existe um objetivo comum, mas também existem diferenças. Existem regras, mas também criatividade. Existem disputas, mas também acordos. Existem conflitos, mas também a necessidade permanente de continuar convivendo depois do apito final.

Quem observa apenas o placar vê muito pouco.

Por trás de cada partida existe uma complexa arquitetura de relações humanas. Existe alguém aprendendo a confiar. Existe alguém descobrindo sua própria voz. Existe alguém compreendendo que vencer não autoriza humilhar e que perder não diminui sua dignidade.

O esporte é uma escola que muitas vezes ensina sem quadro, sem carteira e sem campainha. E talvez seja exatamente por isso que seus ensinamentos permaneçam por tanto tempo.

Nos territórios retratados nesta revista, o esporte e o lazer assumem funções que ultrapassam a dimensão da prática corporal. Tornam-se linguagem, encontro, proteção, pertencimento e esperança. Transformam espaços esquecidos em lugares de convivência. Aproximam gerações que raramente dialogam. Conectam escolas, famílias, organizações sociais e comunidades em torno de objetivos compartilhados.

Onde muitos enxergam apenas uma bola, uma rede, uma pista ou uma brincadeira, surgem experiências capazes de fortalecer direitos, ampliar oportunidades e reconstruir vínculos sociais

As histórias reunidas nesta publicação carregam algo em comum.

Elas nasceram do território.

Não surgiram em laboratórios isolados nem em escritórios distantes da realidade. Foram construídas por pessoas que conhecem os caminhos de barro, os rios, os bairros, as periferias, os desafios e as potências dos lugares onde vivem. Pessoas que decidiram transformar dificuldades em movimento e movimento em possibilidade.

Aqui encontraremos iniciativas que promovem inclusão, defendem direitos humanos, fortalecem a equidade de gênero, impulsionam o protagonismo juvenil, incorporam inovação, dialogam com a sustentabilidade e produzem impactos concretos na vida coletiva. Mas, acima de tudo, encontraremos experiências que acreditam nas pessoas.

Porque nenhuma transformação social acontece sem essa crença fundamental.

Vivemos um tempo curioso.

Temos tecnologias capazes de conectar continentes em segundos, mas frequentemente encontramos dificuldade para conversar com quem está ao nosso lado. Multiplicamos informações, mas nem sempre produzimos encontros. Aceleramos processos, mas muitas vezes enfraquecemos os vínculos que sustentam a vida coletiva.

O esporte e o lazer nos oferecem um caminho diferente.

Eles nos lembram que o desenvolvimento humano não é uma corrida individual. É uma construção compartilhada. Uma obra coletiva feita de escuta, cooperação, cuidado e participação.

Talvez seja por isso que os melhores projetos esportivos não sejam aqueles que formam campeões.

São aqueles que formam comunidades.

Os que transformam espectadores em participantes.

Os que transformam beneficiários em protagonistas.

Os que transformam espaços públicos em territórios de pertencimento.

Os que transformam a pergunta "quem ganha?" em uma pergunta mais importante: "quem participa?".

Esta revista é um convite para conhecer essas experiências.

Mas é também um convite para imaginar.

Imaginar cidades onde toda criança tenha acesso ao esporte e ao lazer como direitos e não como privilégios. Imaginar escolas que compreendam o movimento como parte da aprendizagem. Imaginar políticas públicas construídas com participação social. Imaginar comunidades onde as diferenças não sejam motivo de exclusão, mas fonte de riqueza coletiva.

As páginas que seguem não apresentam fórmulas prontas.

Apresentam caminhos.

Caminhos construídos por educadores, lideranças comunitárias, jovens, gestores públicos, organizações sociais, coletivos e sonhadores que decidiram agir onde estavam, com os recursos que possuíam e com a convicção de que pequenas transformações podem alterar o curso de uma história inteira.

Ao abrir esta revista, talvez você encontre projetos.

Esperamos, porém, que encontre algo maior.

Que encontre pessoas.

Porque são elas, afinal, que fazem a democracia acontecer.

Uma conversa de cada vez.

Uma brincadeira de cada vez.

Um território de cada vez.

Um jogo de cada vez.

Diane Pereira Sousa

Diretora de Operações - Instituto Formação



Ampliando Saberes no Componente Educação Física

SOBRE O PROJETO ESCOLA DE MEDIAÇÃO

A Escola de Mediação é uma iniciativa do Instituto Formação que utiliza o esporte educacional como estratégia para fortalecer a educação pública, promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes e ampliar a capacidade de diálogo entre escola, família, comunidade e poder público.

Mais do que um projeto esportivo, a Escola de Mediação é uma proposta de transformação social que compreende o esporte como um espaço privilegiado para a construção de competências humanas essenciais à vida em sociedade. Em cada atividade, busca-se desenvolver habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais, fortalecendo valores como cooperação, respeito, protagonismo, responsabilidade e participação cidadã.

A metodologia articula diferentes dimensões do desenvolvimento humano por meio de uma atuação intersetorial que conecta educação, saúde, assistência social e redes de proteção. Dessa forma, a escola deixa de ser um espaço isolado e passa a ocupar um papel central na mobilização de atores e instituições comprometidos com a garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

A Escola de Mediação atua a partir de quatro pilares fundamentais: o fortalecimento do currículo escolar por meio do esporte educacional; a formação de jovens líderes capazes de mobilizar transformações em seus territórios; a promoção da inclusão e da diversidade; e a construção de práticas inovadoras que ampliem as oportunidades de aprendizagem dentro e fora da escola.

Ao reunir estudantes, educadores, famílias, lideranças comunitárias e gestores públicos em torno de objetivos comuns, o projeto contribui para a construção de ambientes escolares mais acolhedores, participativos e democráticos. Cada oficina, cada encontro e cada prática esportiva tornam-se oportunidades para fortalecer vínculos, estimular o protagonismo juvenil e desenvolver capacidades que acompanham crianças e adolescentes para além dos muros da escola.

A Escola de Mediação acredita que educar é criar condições para que cada pessoa reconheça seu potencial, encontre seu lugar no coletivo e participe ativamente da construção do bem comum. Por isso, utiliza o esporte não apenas como uma prática corporal, mas como uma linguagem capaz de aproximar pessoas, conectar saberes e transformar territórios.

Mais do que formar atletas, a Escola de Mediação forma cidadãos. Mais do que promover atividades esportivas, cultiva relações, fortalece comunidades e amplia horizontes para que crianças e adolescentes possam imaginar e construir futuros mais justos, saudáveis e democráticos.

APRESENTAÇÃO DA REVISTA DE BOAS PRÁTICAS DE ESPORTE E LAZER

Há um momento em toda partida que costuma passar despercebido. Ele acontece antes do apito inicial, antes do primeiro passe, antes mesmo de a bola tocar o chão. É o instante em que pessoas diferentes decidem compartilhar um mesmo espaço. Crianças com histórias distintas, jovens carregando sonhos e desafios, educadores, famílias e lideranças comunitárias reunidos por algo aparentemente simples: o desejo de jogar.

Mas o esporte nunca foi apenas sobre jogar.

Em escolas, praças, campos de terra, quadras comunitárias e centros esportivos, o esporte tem sido uma das mais potentes linguagens de encontro entre pessoas. Ele ensina a conviver com regras, a lidar com derrotas, a reconhecer limites e potencialidades. Ensina disciplina, cooperação, respeito e responsabilidade. Ensina que ninguém vence sozinho e que toda conquista individual carrega um pouco do esforço coletivo.

Em um tempo marcado pelo aumento das desigualdades, pela fragmentação dos vínculos sociais e pela dificuldade crescente de construir diálogos entre diferentes, o esporte assume uma função ainda mais relevante. Ele se torna um espaço de pertencimento. Um lugar onde crianças e jovens podem experimentar confiança, desenvolver autoestima, construir amizades e descobrir novas formas de se relacionar consigo mesmos, com os outros e com a comunidade em que vivem.

Nas escolas, o esporte amplia processos educativos que ultrapassam os conteúdos curriculares. Nas comunidades, fortalece redes de proteção, mobiliza lideranças, ocupa espaços públicos e cria oportunidades para que diferentes gerações compartilhem experiências e construam soluções coletivas para desafios comuns. Em ambos os contextos, revela algo fundamental: o desenvolvimento humano não acontece apenas pela transmissão de conhecimentos, mas pela qualidade das relações que somos capazes de construir.

É a partir dessa compreensão que nasce a Escola de Mediação. Mais do que uma metodologia, ela representa uma aposta no esporte como ferramenta de transformação social. Uma proposta que reconhece os conflitos como parte da vida coletiva e que utiliza as práticas esportivas e de lazer para desenvolver capacidades de diálogo, escuta, cooperação e resolução pacífica de divergências.

Ao longo das páginas desta revista, serão compartilhadas experiências que demonstram como o esporte pode contribuir para fortalecer comunidades, ampliar oportunidades e formar sujeitos mais conscientes de seu papel na sociedade. Histórias que revelam que uma quadra pode ser muito mais do que um espaço de competição. Pode ser um território de aprendizagem, cidadania e construção de futuros.

Porque, no fim das contas, cada jogo oferece uma escolha. Podemos disputar espaços ou aprender a compartilhá-los. Podemos reforçar distâncias ou construir pontes. Podemos apenas jogar ou descobrir, juntos, novas formas de viver em comunidade.

A Escola de Mediação escolheu o segundo caminho.

Incubadora de Esporte e Cidadania

FCAEB

RELAÇÃO DE BOAS PRÁTICAS E AUTORES

| BOA PRÁTICA | AUTOR (A) |
|--|--|
| Tambor de Crioula “Bênção e Proteção de São Benedito” | Ademilson Silva (Bigü) |
| Projeto “Movimente-se” | Ana Paula Gomes De Lima |
| Núcleo de Iniciação Esportiva - NIES | Davi Alves de Almeida Taís Leite Carvalho |
| Quebrada dos Sonhos: o Skate como Ferramenta de Transformação Social no Sá Viana | Julyanna Silva |
| Projeto “Caça Marajoara” | Luiz Renato Machado Lopes |
| Projeto “Trilha Amazônica” | Luiz Renato Machado Lopes |
| Bloco Afro Abiyéyé Maylô - Resistência e Ancestralidade na Liberdade | Rafael Juan Giliberti |
| Projeto “Movimentar” | Robenilson Silva |



FICHA TÉCNICA

Autor:

Ademilson Silva (Bigü)
Dono do Tambor de crioula
Benção e Proteção
De São Benedito

Município: São Luís - MA



Tambor de Crioula "Benção e Proteção de São Benedito"

O grupo cultural Bêncão e Promessa de São Benedito é uma iniciativa da Associação Recreativa Cultural Desportiva e Beneficente. Esta instituição mantenedora busca revitalizar, preservar e fortalecer as manifestações culturais tradicionais no município de São Luís, com especial atenção à comunidade do tradicional bairro do Goiabal, na região central da capital.

Idealizado em 12 de outubro de 2023 pelo entusiasta cultural Ademilson Silva, popularmente conhecido como "Bigü", o Tambor de Crioula "Bêncão e Proteção de São Benedito" visa integrar o segmento desta manifestação, que é patrimônio cultural brasileiro. O projeto envolve ativamente a extensa comunidade do bairro do Goiabal, incluindo crianças, jovens e adultos.

A manifestação do Tambor de Crioula já é muito presente nas atividades culturais do vizinho e festivo bairro da Madre Deus. Por esse motivo, o idealizador buscou conceber um grupo específico para sua própria comunidade, unindo-se a outros que já participam das programações culturais da cidade. De acordo com seu criador, a idealização da "brincadeira" não se limita à prática dos ritos festivos, mas abrange também a concepção e participação em ações sociais que beneficiem sua comunidade carente.

Para mim, o Tambor de Crioula não nasceu apenas como uma curiosidade, mas como um chamado das minhas raízes. Esta prática surgiu historicamente da resistência de africanos escravizados, e a ideia de me aprofundar nela floresceu no coração de São Luís, especificamente no emblemático bairro da Madre Deus.



O que me moveu foi o desejo de honrar a bênção e a proteção de São Benedito, o santo negro que guia nossos passos e protege nossos tambores.

Para implementar essa vivência, foi preciso mergulhar no território. A Madre Deus é um bairro onde a cultura respira em cada esquina. Começamos organizando as rodas, garantindo que as coreiras tivessem suas saias de chita vibrantes e que os couros dos tambores estivessem bem esticados e afinados ao fogo. A prática aconteceu de forma intensa durante períodos festivos, como o "Lava-Pratos" e a tradicional "Morte do Boi", tornando-se um fluxo contínuo.

Quando iniciei, meus resultados esperados eram simples: aprender os toques e manter a tradição viva, buscando uma forma de lazer que fosse, ao mesmo tempo, um ato de devoção religiosa. No entanto, os resultados reais foram muito além. Percebi que o Tambor de Crioula é um potente agente de união social. Vi jovens se afastando da ociosidade para aprender a arte da lutheria (confecção do tambor) e mulheres recuperando sua autoestima através da dança. O resultado real foi o fortalecimento da nossa identidade comunitária, criando uma rede de apoio onde a fé em São Benedito nos mantém unidos para além da roda.

FICHA TÉCNICA

Autora:

Ana Paula Gomes De Lima
Profissional de Ed. Física

Município: Belém - PA



Projeto “Movimente-se”

Meu projeto surgiu a partir do meu desejo, enquanto recém-formada, de exercer minha profissão de maneira significativa e alinhada a um propósito social. Ainda durante o período de formação, eu já refletia sobre como poderia utilizar meus conhecimentos e habilidades para contribuir com a vida das pessoas, especialmente daquelas que, muitas vezes, não têm acesso a serviços de qualidade na área da saúde. Sempre tive como ideal a possibilidade de atuar de forma voluntária, promovendo bem-estar e incentivando hábitos saudáveis.

A oportunidade de transformar esse desejo em ação concreta surgiu na comunidade onde me congrego. Ao receber um convite para assumir um cargo na área da saúde, percebi que aquele era o momento ideal para unir minha vocação profissional ao propósito de ajudar o próximo. A partir disso, comecei a estruturar uma proposta que tivesse como foco principal a promoção da qualidade de vida por meio da prática de atividades físicas acessíveis.

O projeto teve início com atividades simples, porém significativas, como caminhadas, corridas, aulas de treinamento funcional, jogos recreativos, brincadeiras e aulas de aeróbica. Desde o começo, a ideia era criar um ambiente acolhedor, motivador e inclusivo, onde pessoas de diferentes idades e condições físicas pudessem participar. Devido à minha rotina de trabalho durante a semana, as atividades foram concentradas aos domingos, sendo este o único dia disponível para a realização das ações.

Inicialmente, o projeto recebeu o nome de “Xtreme”, inspirado na proposta de incentivar as pessoas a levarem a sério o cuidado com a saúde física e mental, vivendo esse compromisso de forma intensa e consciente.

Com o passar do tempo, o projeto enfrentou um desafio importante: a interrupção das atividades devido ao período de chuvas, já que os encontros aconteciam em uma quadra descoberta localizada na pracinha do bairro. Esse momento de pausa, embora necessário, também serviu como uma oportunidade para reflexão e reestruturação.

Após esse período, o projeto foi retomado com uma nova configuração, um novo nome e objetivos ampliados. Buscando fortalecer o impacto social da iniciativa, foi estabelecida uma parceria com o departamento de ajuda humanitária da igreja. A partir dessa união, surgiu o “Movimente-se”, um projeto com uma proposta mais abrangente e socialmente engajada. Nessa nova fase, o projeto passou a atuar em duas frentes complementares: a promoção da saúde por meio da atividade física e o apoio a famílias em situação de vulnerabilidade social. As atividades continuaram sendo realizadas aos domingos, no mesmo espaço comunitário, e foi incorporada a proposta de arrecadação de alimentos. Os participantes que tivessem condições eram incentivados a contribuir com a doação de um quilo de alimento não perecível.

Além das práticas esportivas, como treinos funcionais, caminhadas e atividades aeróbicas, passaram a ser realizadas gincanas, jogos



Imagem: Grupo de participantes do Projeto Movimente-se após atividade física

e dinâmicas com o objetivo de estimular o engajamento e ampliar a arrecadação de doativos. Essa estratégia não apenas fortaleceu a participação da comunidade, como também ampliou o alcance social do projeto.

Os resultados dessa reformulação foram extremamente positivos. Houve um aumento significativo na participação, maior envolvimento dos membros da comunidade e um impacto concreto na vida de famílias beneficiadas pelas doações. O projeto, que começou de forma simples, ganhou consistência, identidade e relevância social, mantendo-se ativo até os dias atuais.

Atualmente, o “Movimente-se” representa muito mais do que um projeto de atividade física. Ele se consolidou como uma iniciativa de transformação social, promovendo saúde, bem-estar, integração comunitária e solidariedade. A cada encontro, é possível perceber não apenas melhorias físicas nos participantes, mas também mudanças comportamentais, emocionais e sociais.

Do ponto de vista pessoal e profissional, sinto-me profundamente realizada com os resultados alcançados. Ver a evolução do projeto, o crescimento da participação e, principalmente, o impacto positivo na vida das pessoas reforça a importância de iniciativas como essa.

A possibilidade de contribuir simultaneamente para a saúde e para o apoio social fortalece meu compromisso com a profissão e com a comunidade.

Avalio o projeto de forma extremamente positiva, considerando não apenas os resultados quantitativos, como o número de participantes e de doações arrecadadas, mas, sobretudo, os aspectos qualitativos, como o engajamento, o sentimento de pertencimento e a transformação social gerada.

O “Movimente-se” demonstra que, mesmo com recursos limitados, é possível promover mudanças significativas quando há propósito, dedicação e envolvimento coletivo. Dessa forma, o projeto segue cumprindo sua missão, consolidando-se como uma ação contínua de promoção da saúde e solidariedade, impactando vidas e fortalecendo laços comunitários.



Imagem: Participantes do Projeto Movimente-se reunidos em quadra esportiva



FICHA TÉCNICA

Autor:

Davi Alves de Almeida
Profissional de Ed. Física

Coautora:

Taís Leite Carvalho

Município:

Canaã dos Carajás – Pará



Núcleo De Iniciação Esportiva – Nies

O Núcleo de Iniciação Esportiva (NIES) nasceu em 2013, em Canaã dos Carajás - PA, corroborando com a minha compreensão de que o esporte e o lazer não devem ser vistos apenas como atividades recreativas, mas como direitos sociais inalienáveis, mas direitos sociais que precisam ser garantidos por políticas públicas voltadas à formação integral de crianças e adolescentes. Ao longo da minha vivência com o NIES, percebi que ele surgiu para preencher uma lacuna histórica na oferta de atividades sistemáticas para jovens de 6 a 17 anos, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade.

Na minha visão, o NIES consiste em uma estratégia robusta de democratização do acesso. Ele ultrapassa a lógica de simples oferta esportiva para se tornar um instrumento concreto de cidadania, convivência e pertencimento comunitário. Eu acredito que essa prática é vital porque dialoga com diretrizes nacionais que defendem o esporte como uma política de Estado, articulada com saúde, educação e proteção social, contribuindo para o desenvolvimento físico, emocional e social de cada participante.

A implementação do NIES ocorre de forma capilar em Canaã dos Carajás, e eu juntamente com uma equipe que compõe esse projeto acompanhamos de perto o atendimento de 1.526 alunos ativos, o que demonstra a força e a relevância social que alcançamos no território. Embora as aulas aconteçam em espaços públicos, como quadras poliesportivas e prédios institucionais, temos o orgulho de receber alunos vindos de praticamente todos os bairros da cidade e de diversas zonas rurais.

Eu faço parte da equipe técnica que coordena e acompanha as atividades que acontecem duas vezes por semana, com uma hora de duração em cada encontro.

Para que esse trabalho tenha a qualidade necessária, contamos com o suporte fundamental de uma equipe técnica completa, composta por: Profissionais de Educação Física: Que garantem o rigor técnico e pedagógico das aulas; Psicólogos e Assistentes Sociais: Que realizam o acompanhamento psicossocial dos alunos, fortalecendo os vínculos familiares; Pedagogos: Que auxiliam na articulação pedagógica e no monitoramento do rendimento escolar e por Fisioterapeuta: Que oferece suporte na prevenção de lesões e na saúde física dos participantes.

Nas comunidades rurais, eu observo que a oferta das atividades é adaptada à realidade local, respeitando as condições de deslocamento dos moradores. Além de disponibilizarmos materiais adequados através da FUNCEL, eu participo mensalmente de formações técnicas, o que fortalece nossa atuação e nos permite oferecer um serviço de excelência a toda a população, independentemente de onde residam. Os resultados que observo pós-implementação são gratificantes e comprovam a eficácia da nossa metodologia. Notei um aumento significativo na participação regular e no engajamento dos alunos, o que contribui diretamente para a redução do sedentarismo e o fortalecimento de hábitos saudáveis.



Imagem: Alunos do projeto NIES — Polo Antônio Chorão, turma de futsal

No cotidiano, eu percebo impactos profundos no comportamento, na disciplina e na convivência escolar. Muitos dos alunos passaram a demonstrar maior responsabilidade, respeito às regras e uma capacidade incrível de trabalho em equipe. Sinto que o projeto retira crianças e adolescentes da ociosidade, aproximando-os de ex-

periências educativas seguras e protetivas.

Um dos resultados mais potentes que presenciei é o fato de ex-alunos terem se tornado instrutores do próprio projeto. Para mim, isso revela o potencial multiplicador da experiência e mostra que estamos formando lideranças que criam oportunidades dentro de sua própria comunidade, gerando um ciclo de autonomia e continuidade.

Eu me sinto profundamente realizado ao ver o NIES consolidado como uma política de proteção e prevenção. Considero esta prática inovadora não apenas pela sua estrutura técnica e equipe multidisciplinar, mas pela forma como ela promove a equidade territorial ao chegar com a mesma qualidade tanto nos bairros centrais quanto nas zonas rurais mais distantes.

A importância do NIES, na minha avaliação, reside na sua capacidade de articular acesso, permanência e impacto social comprovado. Eu sinto que estamos construindo um legado de dignidade e futuro para Canaã dos Carajás, reafirmando que o esporte, quando tratado com responsabilidade pública e suporte técnico adequado, é capaz de transformar trajetórias de vida e fortalecer os vínculos de toda uma comunidade.



FICHA TÉCNICA

Autora:

Julyanna Silva

Graduanda em Pedagogia

Município: São Luís - MA



Quebrada Dos Sonhos: O Skate Como Ferramenta De Transformação Social No Sá Viana

Meu nome é Julyanna Silva e sou idealizadora do projeto Quebrada dos Sonhos, uma iniciativa comunitária que nasce da minha trajetória pessoal com o skate e da minha vivência no bairro Sá Viana. Foi através do esporte que comecei a enxergar novas possibilidades para minha vida e compreendi que o acesso ao lazer e à prática esportiva pode transformar realidades dentro da periferia.

O skate sempre foi mais do que uma atividade física para mim. Ele representou um espaço de pertencimento, liberdade, expressão e construção de identidade. Em muitos momentos da minha vida, foi o esporte que me manteve próxima de caminhos posi-

vos, fortalecendo minha autoestima, disciplina e capacidade de sonhar com novas oportunidades. A partir dessa experiência pessoal, percebi a importância de criar iniciativas semelhantes dentro da minha comunidade, especialmente para crianças e adolescentes que não têm acesso a projetos esportivos permanentes.

O projeto Quebrada dos Sonhos surgiu justamente dessa necessidade: garantir que o esporte chegue até dentro do território, utilizando a própria comunidade como espaço de convivência, aprendizagem e desenvolvimento. No bairro Sá Viana, muitas crianças e jovens têm talento, energia e interesse pelo esporte, mas enfrentam a falta de espaços estruturados e oportunidades contínuas de participação.

As ações do projeto acontecem principalmente por meio de encontros com skate em uma quadra velha da comunidade, momentos de convivência entre jovens, atividades recreativas e mobilizações comunitárias em datas importantes como o Dia das Crianças e a Páscoa. Nessas iniciativas já conseguimos alcançar cerca de 230 crianças diretamente, promovendo experiências de lazer, integração social e fortalecimento de vínculos comunitários.

O skate ocupa um papel central dentro do projeto, pois além de ser uma prática esportiva acessível, também é uma linguagem cultural muito presente nas periferias e entre as juventudes.

Através dele, buscamos incentivar o protagonismo juvenil, estimular a permanência das crianças em espaços coletivos positivos e fortalecer a relação dos jovens com o território de forma saudável e criativa.

As atividades são realizadas em espaços públicos do próprio bairro, como ruas e áreas de convivência comunitária, mostrando que o território pode se tornar um espaço de formação, cuidado e construção coletiva. A mobilização acontece com apoio de moradores e voluntários, fortalecendo o sentimento de pertencimento e participação social.

Os resultados observados já incluem maior aproximação entre crianças e atividades esportivas, fortalecimento dos vínculos comunitários e aumento do interesse dos jovens pelo skate como prática de expressão, convivência e perspectiva de futuro. Mais do que ensinar uma modalidade esportiva, o projeto busca criar oportunidades reais de desenvolvimento humano dentro da comunidade.

Minha relação com o projeto é profundamente pessoal, porque ele nasce da minha própria história com o esporte. O skate mudou minha vida e me ajudou a acreditar que novos caminhos são possíveis mesmo dentro de contextos de vulnerabilidade social. Por isso, meu maior objetivo é que o esporte também possa transformar a vida de muitos jovens do Sá Viana.

Acredito que quando levamos o skate para dentro da comunidade, estamos levando junto autoestima, pertencimento, convivência e oportunidade. O Quebrada dos Sonhos nasce desse compromisso com a juventude do território e com a construção de futuros possíveis através do esporte como direito e como ferramenta de transformação social.



Imagem: Participantes do projeto Quebrada dos Sonhos no bairro Sá Viana.



FICHA TÉCNICA

Autor:

Luiz Renato Machado Lopes
Profissional de Ed. Física
Mestrando em Ciências
da Educação

Município:

Currálinho – Pará



Projeto “Caça Marajoara”

Eu sempre acreditei que o aprendizado precisa ir além das paredes da sala de aula. Para mim, aprender de verdade envolve emoção, movimento, curiosidade e, principalmente, conexão com a realidade. Foi exatamente a partir dessa inquietação que nasceu o projeto “Caça Marajoara”, uma iniciativa que transformou a cidade de Currálinho em um grande espaço educativo, onde cada rua, cada ponto turístico e cada detalhe passaram a fazer parte de uma experiência única de aprendizagem.

O projeto foi realizado com os alunos da Escola Francisco Chagas da Silva, o que tornou toda a experiência ainda mais significativa, pois partiu diretamente da realidade e do cotidiano dos próprios participantes.

A ideia surgiu em um momento de reflexão sobre minhas próprias práticas. Eu percebia que, muitas vezes, atividades tradicionais não despertavam o interesse esperado dos participantes. Havia uma certa distância entre o conteúdo e a vivência deles. Isso me incomodava profundamente. Eu me perguntava: como tornar o aprendizado mais significativo? Como fazer com que os participantes se envolvam de verdade? Como transformar conhecimento em experiência?

Foi nesse momento que busquei inspiração em práticas lúdicas, especialmente nas tradicionais caças ao tesouro, que marcaram a minha infância. Lembrei da sensação de aventura, do entusiasmo em desvendar pistas, da cooperação entre amigos e da satisfação ao alcançar um objetivo. Ao mesmo tempo, comecei a pensar na riqueza cultural do contexto marajoara e no quanto essa riqueza poderia ser explorada pedagogicamente. Dessa forma, resgatei essa temática, adaptando-a à realidade local e dando origem ao “Caça Marajoara”.

Desde o início, meu objetivo foi muito claro: criar uma prática que unisse educação, cultura, movimento e ludicidade. Eu queria que os participantes não apenas aprendessem, mas vivenciassem o conhecimento. Queria que eles se reconhecessem como parte da história e da cultura da própria cidade. Mais do que isso, queria despertar neles um novo olhar sobre o lugar onde vivem.

O projeto consiste em uma dinâmica interativa em que os participantes são divididos em dois grupos. Essa divisão não tem apenas o caráter competitivo, mas principalmente o propósito de estimular o trabalho em equipe, a cooperação e a construção coletiva de estratégias. Cada grupo recebe uma sequência de pistas, cuidadosamente elaboradas por mim, que os conduzem a diferentes pontos importantes e turísticos da cidade.

Cada pista é, na verdade, um convite à reflexão. Não se trata apenas de encontrar um local, mas de compreender seu significado. Ao chegar em cada ponto, os participantes são levados a observar, questionar e interpretar. A cidade deixa de ser um espaço comum e passa a ser um verdadeiro livro aberto, cheio de histórias e possibilidades de aprendizado.

A implementação do projeto aconteceu em diferentes áreas de Currálinho, no estado do Pará. Escolhi locais que representassem a identidade da cidade, garantindo que cada etapa tivesse um valor cultural e educativo. Todo o processo foi cuidadosamente planejado: desde a criação das pistas até a organização dos grupos, o acompanhamento do percurso e a definição do “tesouro” final.

Durante a execução, acompanhei de perto cada etapa, observando as reações, as estratégias e o envolvimento dos participantes. E foi nesse momento que percebi o quanto a proposta fazia sentido. A cada pista descoberta, o entusiasmo aumentava. A cada desafio superado, o grupo se fortalecia. Era possível ver claramente o engajamento, a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento.

Os participantes caminhavam pela cidade com um novo olhar. Lugares antes comuns se tornavam especiais. Pequenos detalhes ganhavam significado. O aprendizado acontecia de forma natural, quase espontânea, impulsionado pela curiosidade e pela vontade de avançar no jogo.

Em relação aos resultados esperados, eu buscava principalmente o desenvolvimento de habilidades como trabalho em equipe, tomada de decisão e valorização cultural. Após a implementação, posso afirmar com segurança que esses objetivos foram alcançados — e até superados.

Um dos resultados mais marcantes foi o aumento do interesse dos participantes pela história e pelos espaços da cidade. Muitos passaram a demonstrar maior curiosidade, fazendo perguntas, compartilhando conhecimentos e se envolvendo ativamente nas atividades. Além disso, o espírito de cooperação foi algo que se destacou fortemente. Mesmo em um contexto de competição, prevaleceu o respeito, a colaboração e o apoio entre os membros das equipes.

Outro aspecto importante foi o desenvolvimento da autonomia. Os participantes precisavam interpretar pistas, tomar decisões e agir de forma estratégica. Isso contribuiu diretamente para o fortalecimento da confiança e da capacidade de resolver problemas.

Do ponto de vista emocional, a experiência também foi extremamente rica. Houve momentos de tensão, de alegria, de superação e de celebração. Cada etapa vivida gerou memórias significativas, que certamente permanecerão com os participantes por muito tempo.

E quanto a mim, como idealizador e responsável pela prática, posso dizer que me sinto profundamente realizado. Ver o projeto acontecendo, observar o envolvimento dos participantes e perceber os resultados concretos foi algo extremamente gratificante.

Acredito que essa prática é inovadora porque rompe com padrões tradicionais e propõe uma nova forma de aprender. Aqui, o conhecimento não é transmitido de forma passiva; ele é construído coletivamente, por meio da vivência. A cidade se transforma em sala de aula, o jogo passa a ser uma ferramenta pedagógica e os participantes assumem o papel de protagonistas do próprio aprendizado.

Ao final do percurso, quando o “tesouro” é encontrado, fica claro que o maior ganho não está no prêmio em si, mas em toda a jornada vivida. O verdadeiro tesouro está nas descobertas feitas ao longo do caminho, nas relações construídas, nos conhecimentos adquiridos e na nova forma de enxergar o mundo ao redor.

Hoje, ao olhar para o “Caça Marajoara”, eu vejo um projeto que tem potencial para crescer ainda mais, alcançando novos públicos e se adaptando a diferentes contextos. Mais do que isso, vejo uma prática que reafirma algo em que sempre acreditei: quando o aprendizado faz sentido, ele transforma. E foi exatamente isso que eu busquei — e encontrei — ao transformar Currálinho em um grande cenário de descobertas.





FICHA TÉCNICA

Autor:

Luiz Renato Machado Lopes
Profissional de Ed. Física
Mestrando em Ciências
da Educação

Município:

Curralinho – Pará



Projeto “Trilha Amazônica”

Eu, Luiz Renato Machado Lopes, sempre acreditei que a Educação Física pode — e deve — ir muito além da quadra. Foi dessa inquietação, dessa vontade de romper com o comum, que nasceu o projeto Trilha Amazônia, uma iniciativa que carrega não apenas um objetivo pedagógico, mas um propósito: transformar a forma como meus alunos enxergam o movimento, a natureza e a si mesmos. Atuando na Escola Manoel da Vera Cruz Sá, em Curralinho, no Marajó/PA, comecei a me questionar sobre o quanto estávamos deixando de explorar o que tínhamos de mais valioso ao nosso redor. Vivemos cercados pela floresta, pelos rios, pela vida pulsante da Amazônia — e, ainda assim, muitas vezes limitamos o ensino a espaços fechados e práticas repetidas. Foi então que decidi mudar essa realidade e criar uma experiência que conectasse o aluno ao seu território de forma intensa, desafiadora e inesquecível.

A ideia da Trilha Amazônia surgiu justamente dessa necessidade de dar sentido às aulas, de torná-las vivas, reais e profundamente conectadas com a identidade dos estudantes. Mais do que ensinar conteúdos, eu queria provocar sensações, despertar emoções e criar memórias. Queria que cada aluno se sentisse parte de algo maior. Assim, desenvolvi uma prática que consiste em uma atividade imersiva realizada uma vez por ano, em terrenos com vegetação fechada, cuidadosamente escolhidos e preparados por mim, sempre priorizando a segurança e a organização do percurso. Não se trata apenas de uma trilha — trata-se de um verdadeiro desafio coletivo.

No dia da atividade, os alunos são divididos em duas equipes e, a partir desse momento, deixam de ser apenas colegas de classe para se tornarem companheiros de jornada.

Cada equipe inicia o percurso seguindo marcações estratégicas ao longo da mata, enfrentando o desconhecido, lidando com obstáculos naturais e, acima de tudo, aprendendo a confiar uns nos outros. Um dos elementos mais simbólicos da prática é a corda: todos devem permanecer segurando-a durante todo o trajeto. Essa simples regra carrega um significado poderoso — ninguém fica para trás. Cada passo depende do outro. Cada avanço é coletivo.

Ao longo da trilha, os desafios ficam mais intensos. O terreno irregular exige equilíbrio e resistência. A mata fechada pede atenção e estratégia. E, em determinado momento, surge um dos pontos mais marcantes da experiência: a travessia na água. É nesse trecho que entram a canoa e a boia, utilizadas como apoio para que os alunos consigam atravessar com segurança. Ali, o medo, a adrenalina e a cooperação se encontram. Não é apenas sobre atravessar um espaço físico — é sobre superar limites internos, confiar no grupo e seguir em frente, juntos.

A dinâmica do projeto valoriza, sim, o tempo — a equipe que completa o percurso mais rápido vence. Mas, na prática, o que realmente importa vai muito além da competição. O que se constrói ali é organização, comunicação, liderança, empatia e espírito coletivo. São valores que não se ensinam apenas com palavras, mas com vivência.

A implementação da Trilha Amazônia, em Curralinho/PA, foi um marco. Desde a primeira edição, os resultados começaram a aparecer de forma clara e emocionante. Alunos que antes demonstravam pouco interesse passaram a participar ativamente das aulas. O entusiasmo tomou conta. A energia mudou. Hoje, vejo estudantes mais engajados, mais confiantes e mais conscientes do seu papel dentro de um grupo. O desenvolvimento físico também é evidente — resistência, coordenação e equilíbrio são trabalhados de forma natural, dentro de um contexto real e desafiador.

Mas talvez o resultado mais bonito seja a mudança de olhar. A floresta, que antes era apenas parte do cotidiano, passou a ser vista como espaço de aprendizagem, de descoberta e de valorização. O aluno começa a entender que o lugar onde vive é potente, rico e cheio de possibilidades. E isso transforma não só a relação com a escola, mas com a própria identidade.

Para mim, como educador, a Trilha Amazônia é motivo de orgulho. É a prova de que inovar é possível, mesmo com recursos simples, quando se tem propósito e compromisso com a educação. É uma prática que rompe barreiras, que inspira e que mostra que o ensino pode ser vivo, significativo e transformador. Eu não vejo esse projeto apenas como uma atividade anual — eu vejo como uma experiência que marca vidas.

E, no final de tudo, é isso que realmente importa: formar alunos mais fortes, mais unidos, mais conscientes e preparados para enfrentar qualquer trilha que a vida apresentar.



Imagem: Alunos reunidos após atividade do projeto "Trilha Amazônica"



Imagem: Travessia aquática com boia no projeto "Trilha Amazônica"



Imagem: Travessia na mata durante o projeto "Trilha Amazônica"



FICHA TÉCNICA

Autor:

Rafael Juan Giliberti
Mestre em Cultura,
Artesão e Costureiro.

Município: São Luís - MA



Bloco Afro Abiyéyé Maylô – Resistência e Ancestralidade na Liberdade

Eu, Rafael Juan Giliberti, sou um dos entusiastas e realizadores do Bloco Afro Abiyéyé Maylô, uma iniciativa que vai muito além do carnaval e se consolida como um importante instrumento de resistência cultural e afirmação identitária no bairro da Liberdade, em São Luís do Maranhão. A ideia de criar o bloco surgiu da necessidade urgente de ocupar o espaço público com a estética e a ancestralidade negra, especialmente em um contexto em que as culturas de matriz africana muitas vezes são silenciadas ou marginalizadas. Encaro o Abiyéyé Maylô como um movimento de retorno às nossas raízes, no qual buscamos nos ancestrais a força para enfrentar o presente, transformando o som dos tambores em um grito de afirmação para a juventude e para toda a comunidade da Liberdade, território historicamente marcado pela resistência negra.

A implementação dessa prática acontece de forma contínua, ao longo de todo o ano, por meio de uma vivência comunitária intensa. Não nos limitamos ao período carnavalesco; realizamos oficinas de percussão, rodas de conversa sobre história e dança, além de ensaios abertos nas ruas do bairro. Dessa forma, transformo, junto com a comunidade, o espaço urbano em um verdadeiro território de trocas culturais, onde cada morador se torna protagonista na construção do conhecimento e na valorização da nossa herança.

Ao longo desse processo, tenho observado resultados profundos, principalmente entre os jovens, que passam a desenvolver um maior senso de pertencimento e encontram no bloco uma alternativa saudável, educativa e artística de expressão.



Vejo também o fortalecimento da autoestima coletiva e a valorização das tradições afro-maranhenses, que ganham novo fôlego por meio das novas gerações. Meu objetivo é consolidar o Abiyéyé Maylô como um polo cultural permanente, capaz de sustentar e expandir esse legado.

Sinto um orgulho imenso de fazer parte dessa trajetória e reconheço o caráter inovador da prática, que utiliza o lazer, a música e o corpo como ferramentas de educação política e social. Acredito que a importância do Abiyéyé Maylô para o Maranhão é imensurável, pois contribuímos diretamente para manter viva a cultura negra e para a construção de uma sociedade mais consciente de suas raízes, mais justa e mais orgulhosa de sua africanidade.

O próprio nome “Abiyéyé” carrega um significado profundo, ligado ao renascimento e à proteção espiritual, funcionando como um chamado sagrado para reverenciar as energias que nos sustentam. Inspirado nos Encantados, entidades que transitam entre o mundo material e o espiritual, transformo o cortejo em um ato de fé, estabelecendo uma conexão com os elementos da natureza e celebrando essas forças. Mais do que uma expressão artística, compreendo o bloco como um verdadeiro guardião das tradições afro-brasileiras. Sua origem em um terreiro de

Tambor de Mina nos confere um caráter único, sendo o primeiro bloco afro com essa raiz específica, o que se traduz em uma manifestação que integra percussão, dança e espiritualidade de forma viva, pulsante e profundamente enraizada na herança africana presente no Maranhão.



FICHA TÉCNICA

Autor:

Robenilson Silva
Coreógrafo, Dançarino,
Artista Popular
Graduando em Ed. Física
(Licenciatura - UFMA)

Município:

São Luís - MA



Projeto “Movimentar”

O Projeto Movimentar é uma iniciativa que teve início em 2013, no bairro Anjo da Guarda, em São Luís, Maranhão, com o objetivo de utilizar a dança como ferramenta primordial na promoção da qualidade de vida. A proposta fundamenta-se na premissa de que a dança é uma manifestação universal, presente em diferentes épocas e culturas, possibilitando o desenvolvimento integral do indivíduo ao articular as dimensões corporal, mental e emocional.

Enquanto colaborador do Grupo GRITA (Grupo de Teatro Comunitário), durante uma reunião, apresentei a ideia de ministrar aulas de ritmos, com o intuito de colocar em prática os conhecimentos adquiridos junto a mestres e profissionais da dança da cidade. Em julho de 2013, recebi o convite da presidência do grupo para iniciar oficialmente as aulas do Projeto Movimentar. O nome foi escolhido com o propósito de representar tanto o movimento corporal quanto a mobilização do grupo e da comunidade.

Inicialmente, as atividades ocorreram no Teatro Itapicuruáiba, um teatro de arena localizado no bairro Anjo da Guarda, contando com a participação dos 15 integrantes do Grupo GRITA. Com o passar do tempo, a iniciativa despertou o interesse da comunidade, atraindo novos participantes.

As aulas práticas passaram a ocorrer duas vezes por semana, às 18h, mediante o pagamento de matrícula e mensalidade, destinadas à manutenção do espaço e à remuneração do professor. A divulgação, realizada principalmente por meio do “boca a boca”, contribuiu para o crescimento do número de participantes, incluindo homens e mulheres de diversos bairros da região Itaqui-Bacanga, como Anjo da Guarda, Fumacê, Gancharia, Vila Isabel, Vila Nova e Sá Viana.

Com o aumento da demanda, houve a necessidade de ampliação dos horários e dias de aula, chegando à formação de três turmas, com média de 25 a 35 alunos cada. Além disso, no último sábado de cada mês, era realizado um “aulão” coletivo no espaço externo do teatro, promovendo integração entre os participantes.

Os resultados do projeto foram significativos, destacando-se a redução do sedentarismo, a promoção da saúde, do bem-estar e do condicionamento físico. Observou-se também o desenvolvimento da consciência corporal dos participantes, que passaram a reconhecer suas limitações e potencialidades. As aulas temáticas, como Carnaval, São João e Outubro Rosa, contribuíram para o engajamento e a motivação dos alunos.

Outro aspecto relevante foi a desconstrução de preconceitos, especialmente entre os homens, em relação à prática da dança, bem como o fortalecimento da autoestima e da expressão corporal das mulheres, que passaram a explorar sua identidade e corporalidade por meio do movimento.

O Projeto Movimentar pode ser considerado inovador em seu contexto, visto que, em 2013, ainda não eram populares modalidades como Zumba ou FitDance, que surgiram posteriormente. Mesmo assim, o projeto já desenvolvia práticas semelhantes, evidenciando seu caráter pioneiro.

Atualmente, diante do aumento das chamadas doenças do século XXI, como depressão, ansiedade, obesidade e doenças cardiovasculares, a dança reafirma sua importância como prática promotora de saúde. Isso se deve, entre outros fatores, à liberação de neurotransmissores associados ao bem-estar, como endorfina, dopamina, serotonina e ocitocina, proporcionando sensações de prazer e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.

Por fim, ressalto minha gratidão por ter contribuído com a realização dessa prática, mobilizando uma comunidade por meio da arte da dança. Enquanto professor e coordenador do Projeto Movimentar, considero especialmente gratificante ter despertado o interesse dos participantes pela promoção da saúde e pela continuidade na dança, uma vez que muitos buscam aperfeiçoamento em modalidades como dança de salão, dança do ventre, entre outras. Ter fomentado esse interesse representa uma das maiores conquistas dessa trajetória.

Nº 1

REVISTA DE

BOAS PRÁTICAS DE ESPORTE E LAZER



ESCOLA DE
MEDIÇÃO

Ampliando Saberes no Componente Educação Física

